



## **ENTRETECENDO LUDICIDADE, GÊNERO E SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO DE EDUCADORAS E EDUCADORES: POSSIBILIDADES E POTENCIALIDADES PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL**

Lívia Monique de Castro Faria<sup>1</sup>

Este artigo apresenta análises da pesquisa intitulada *Entrelaçando Pesquisa e Extensão Universitária com foco no Lúdico na Educação Infantil: Desencadeando Processos Educativos na Articulação de Nove Cidades no Sul de Minas Gerais*<sup>2</sup> problematizando o material empírico referente a proposta metodológica que se materializa nas tendas temáticas denominadas: *Nas Tendas da Sexualidade e Gênero*.

Estas tendas são constituídas por três barracas de praia contendo gravuras, textos, recortes de jornais e revistas, folders, pinturas, fotografias, charges, portfólios dentre outros materiais, nas seguintes temáticas: história da sexualidade humana, assuntos diversos sobre sexualidade e gênero, os direitos sexuais e reprodutivos e os direitos da criança. Objetivam proporcionar aos que a adentram a possibilidade de interagir com as representações<sup>3</sup> que lêem/vêem/tocam e desta forma, são provocadas a elaborar conceitos variados sobre gênero e sexualidade. O ambiente não prevê uma lógica linearizada; desta maneira, as tendas podem ser montadas em qualquer ordem e os/as visitantes têm liberdade para se movimentarem de maneira a dar prioridade às informações que mais lhes interessar.

Desde sua criação as Tendas vêm sendo utilizadas em diversos processos de formação, sendo um deles o curso: *O Lúdico na Educação na Educação Infantil*<sup>4</sup>. Deste modo, objetiva-se no presente artigo, analisar as concepções de gênero das profissionais da educação que participaram do referido curso. A metodologia utilizada para a coleta do material empírico foi o questionário semi-

---

<sup>1</sup> Licenciada em Química pela Universidade Federal de Lavras / UFLA – MG. Discente do curso de Especialização em Educação do Departamento de Educação da UFLA, bolsista de Apoio Técnico a Pesquisa nível II (BAT II), sob a orientação da Profa. Dra. Cláudia Maria Ribeiro.

<sup>2</sup> Projeto de pesquisa financiado pela FAPEMIG (Fundação de Amparo ao Ensino Pesquisa e Extensão do Estado do Minas Gerais), que tem como objetivo geral pesquisar como a dimensão lúdica, ou seja, os jogos, os brinquedos e as brincadeiras, constam dos currículos da Educação Infantil e do cotidiano das instituições de educação infantil. Concomitantemente realizar a formação de educadores e educadoras considerando a temática do brincar, com vistas a implementar e consolidar brinquedotecas em nove municípios do sul de Minas Gerais.

<sup>3</sup> “[...] na análise cultural, mais recente, refere-se às formas textuais e visuais através das quais se descrevem os diferentes grupos culturais e suas características [...] um texto, uma pintura, um filme, uma fotografia” (SILVA, 2000, p.97).

<sup>4</sup> Curso oferecido pelo Departamento de Educação da UFLA/MG sob a coordenação das Professoras Doutoras Cláudia Maria Ribeiro e Ila Maria Silva de Souza. Este curso constitui o processo de formação de profissionais da educação para o trabalho em brinquedotecas que serão implementadas em nove cidades do Sul de Minas Gerais e que integra o Consórcio Pró-Formar.



estruturado aplicado durante a visitação às Tendas Temáticas, a observação participante, bem como a técnica etnográfica do diário de campo.

Assim, é indispensável a este trabalho revolver os referenciais de gênero e sexualidade que o embasaram, “revolver”, de acordo com Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (em linha, 2009):

“Mover de baixo para cima, de um lado para outro ou em várias direções e sentidos. É misturar, remexer, fazer dar voltas, virar, voltar, deixar em desordem, remexer, revirar, vasculhar, analisar com cuidado, esquadriñar, examinar, indispor, amotinar, rebelar, revoltar.”

Enfim, este verbo denota movimento e instabilidade, o que pode ser perturbador quando se refere a gênero, sexo e sexualidade, uma vez que convida a ultrapassar as seguranças conceituais com relação a estas temáticas. Neste contexto, sexualidade pode ser vista como relacionamentos inter/intra pessoais que ultrapassam apenas a noção de coito e que passam pelas dimensões do prazer, do desejo, das relações de poder (FOUCAULT, 1993), do medo, da subjetividade e de um ser e estar em um mundo em construção envolvendo “[...]fantasias, valores, linguagens, rituais, comportamentos, representações[...]” (LOURO, 2006, p.7).

A sexualidade ultrapassa limites nas relações sociais e nos diversos meios de dominação desenvolvidos nestas. Estas formas de dominação dos corpos bem como as transgressões são dinâmicas, pois entrecruzam raças, etnias, religiões, orientações sexuais, dentre outras. Tudo isto num jogo complexo que tem regras pré-estabelecidas, claras ou não, que constroem verdades através de discursos morais, políticos, pedagógicos, médicos, psicológicos, dentre outros. Ou seja, “[...] tal como ocorre com o gênero, haveria de se compreender a sexualidade como um constructo histórico” (LOURO, 2006, p. 8), como um dispositivo<sup>5</sup> produzido em um meio cultural, instável e mutável.

Voltando nossos olhares mais especificamente para sexo e gênero e as possíveis distinções entre estes, cabe ressaltar que o grupo pesquisado é constituído unicamente por pessoas que se declararam do sexo feminino. Estas pessoas foram indicadas pelas prefeituras das nove cidades integrantes do pólo de Lavras e que atuam na Educação Infantil. Assim é perceptível que, no Sul de Minas Gerais, a maioria das pessoas que atuam na Educação Infantil são do sexo feminino.

Neste contexto, o não uso do termo mulheres é proposital, uma vez que poderia trazer a noção de uma *solidariedade de identidade*, a noção de mulheres como uma identidade única, fora de um contexto. Entretanto cabe ressaltar que, em muitos momentos, as palavras não conseguem

---

<sup>5</sup> “Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos”. (FOUCAULT, 1979, p. 244)



atender as diversidades e as complexidades das relações, fazendo-se necessário criar novos termos, transgredir, ir além das linguagens *habituais*.

Estas linguagens possibilitam inúmeras, e importantes diferenças nos significados de sexo e gênero. Dentre estes, destaco a afirmação de Simone Beauvoir: ‘a gente não nasce mulher, torna-se mulher’, na qual não há indícios “que garanta que o ‘ser’ que se torna mulher seja necessariamente fêmea”, como explicita Butler (2003, p. 27). Ou seja, a afirmação de Beauvoir não aponta que o gênero é, necessariamente, a representação cultural do sexo e nem mesmo o sexo é tão determinado e fixo, quanto aparenta ser.

Butler (2003) retrata que gênero e sexo podem ser culturalmente construídos e estão intimamente ligados, tendo em vista que o caráter biológico e imutável do sexo pode ser questionado. Nesta perspectiva, Louro (2006, p. 5) aborda que mesmo que a divisão entre masculino e feminino esteja relacionada ao corpo, “não se segue daí, necessariamente, a conclusão de que as identidades de gênero e sexuais sejam tomadas da mesma forma em qualquer cultura” e ainda, que “o corpo só se torna inteligível no âmbito da cultura e da linguagem” não existe a noção de corpo fora da cultura.

Este olhar para sexo, gênero e sexualidade, para além, dos determinismos do que é aceito em termos de práticas sexuais, questiona a segregação sofrida por homossexuais, cujas relações são tidas, por uma sociedade heteronormativa, como ilegítimas e pervertidas. Tendo em vista que, quando essa não aceitação das práticas homossexuais passa a ser uma repulsão, entende-se se tratar de homofobia.

#### *Remexendo conceitos no decorrer do curso e penetrando nas tendas*

O curso: O Lúdico na Educação Infantil contemplou um total de 40 horas sendo 24 horas presenciais e 16 horas à distância. No primeiro encontro presencial do referido curso foram realizados grupos de discussão sendo abordada a temática: brincar e gênero. Em um momento das discussões uma educadora disse: “- *Eu não deixaria meu filho brincar de boneca, e se ele me falar que é gay acho que eu bato nele*”.

Tendo em vista que, “[...]o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar”(FOUCAULT, 1996, p 10), se torna necessário romper com discursos excludentes que



rotulam grupos, os classificam e desconsideram os aspectos da construção das identidades<sup>6</sup> e das diferenças, para desconstruir preconceitos e discriminações.

Estes mecanismos perversos que promovem a constante renovação de termos pejorativos, bem como, das violências físicas e das intolerâncias com relação a pessoas que não se enquadram nos padrões de normalidade devem ser constantemente questionados, bem como tudo aquilo que é dito normal e/ou natural.

O processo de desconstrução de tais mecanismos requer analisar com cuidado a noção de direitos. No interior das tendas havia materiais, como cartazes, textos, figuras, fotos sobre os direitos sexuais e os direitos reprodutivos. Nestes materiais, constava que os direitos sexuais e reprodutivos são direitos humanos e como tal são inalienáveis, indivisíveis e universais, ou seja, todos deveriam ser garantidos e respeitados. Estes direitos foram conquistados mediante a luta dos Movimentos feministas, dos movimentos de gays e lésbicas e de diversos acordos<sup>7</sup> dos quais o Brasil é signatário, participando de debates em foros nacionais e internacionais.

#### *Vasculhando outros textos culturais que compõem as tendas*

Após os grupos de discussão as educadoras foram convidadas a entrar nas tendas temáticas; as reações mais diversas foram observadas, e foi aplicado um questionário semi-estruturado ao qual elas poderiam responder enquanto visitavam o espaço.

Sobre as tendas, Ribeiro (2009, p.67) enfatiza o seu simbolismo, “as tendas são residências de pessoas nômades no deserto e também o protótipo do templo em várias civilizações. O simbolismo é constante: a tenda é um lugar sagrado, onde o divino é convocado a manifestar-se”, ou seja, as tendas transmitem a idéia do inusitado, do movimento, da instabilidade, do divino e do profano e por isso foram escolhidas para o desafio que reveste o trabalho educativo na temática do gênero e da sexualidade. A entrada das tendas é constituída por uma cortina de papel com a imagem da obra O Nascimento de Vênus (Sandro Botticelli / 1485), em seguida encontram-se portfólios<sup>8</sup>, e as obras de arte que remontam à história da sexualidade humana passando por muitos lugares em contextos diferentes nos quais as obras foram produzidas.

---

<sup>6</sup> “[...]as identidades não são fixas, mas constituem um processo historicamente construído e produtor de diferenças.” (HALL, 2001, p. 10).

<sup>7</sup> Dentre esses destacam-se: “Conferência Mundial do Ano Internacional da Mulher, que ocorreu no México em 1975 na qual se reconheceu os direitos reprodutivos; e a 4a Conferência Mundial da Mulher, realizada em 1995 em Beijing.” (DÍAS, CABRAL e SILVA. In: RIBEIRO E CAMPOS 2004, p. 47 e 49)

<sup>8</sup> São um conjunto de fotografias de obras de arte na temática da sexualidade humana e gênero, confeccionados pelas/os licenciandas/os do curso de Licenciatura em Pedagogia para Educação Infantil – Modalidade à Distância.



Foto 1- A entrada das Tendas, Representação da Vulva. Fonte: Foto da jornalista Fátima Ribeiro (2008).

Em seguida são provocadas a passar por uma Vulva feita de cetim, entrando em contato com outras representações culturais que falam dos direitos sexuais e reprodutivos e dos movimentos de enfrentamento as violências.

Assim, uma das questões presentes no instrumento de pesquisa enfocou a produção veiculada nos portfólios, a saber: Com relação aos portfólios, quais obras de arte você gostaria de destacar? Por quê?

Em resposta a esta questão as obras de arte de maior destaque segundo o grupo pesquisado foram: *Leda e o Cisne* (Leonardo da Vinci / 1508), *O Nascimento de Vênus* (Sandro Botticelli / 1485) e *A Negra* (Tarsila do Amaral / 1923).

Com relação a obra *Leda e o Cisne*, cabe ressaltar que no período que antecedeu a contra-reforma<sup>9</sup> era mais aceitável uma representação de uma mulher em ato sexual com um cisne do que com um homem, o que tornou este tema popular, sendo possível encontrar representações de vários artistas sobre *Leda e o Cisne*.

A fala das cursistas aborda a beleza, a sensualidade e o erotismo:

*“A ‘Leda e o Cisne’. Por que é muito bonita e nos revela muito em relação a mitologia e a sexualidade.”; “Leda e o Cisne. É uma obra muito bonita que mostram um certo sensualismo desde há muitos anos pintores famosos retratavam o erótico de forma a destacar e valorizar a sensualidade.”; “Leda e o Cisne. Por que nos leva ao mundo da imaginação ao encanto e romantismo.”*

---

<sup>9</sup>Movimento da Igreja Católica em resposta ao aparecimento de novas religiões.



**Foto 2:** Obra veiculada nos portfólios. Leda e o Cisne de Leonardo da Vinci / 1508.

**FONTE:** <http://aguerradetroia.wordpress.com/2009/04/28/o-mito-de-leda-e-o-cisne-na-arte>

A obra Leda e o Cisne é uma referência mitológica. Leda era uma jovem e bela princesa, recém casada com o herdeiro do reino de Esparta. Gostava de se deitar na relva apreciando o canto dos pássaros e expunha seu corpo aos raios do sol e aos olhares indiscretos dos deuses. Certa vez, quando Zeus ia a caminho da cidade de Tróia, parou para apreciar a jovem princesa. Para não assustá-la com sua presença gloriosa tomou a forma de um cisne. Então seduziu a princesa e se amaram na relva. Meses depois ela sentiu fortes dores e percebeu que do seu ventre haviam saído dois ovos, do primeiro nasceram Castor e Helena e do segundo Pólux e Clitemnestra. Porém Hera, irmã e esposa de Zeus, ficou com ciúmes e deu uma punição para Leda, proibindo-a de viver no reino, mas Zeus recompensa Leda transformando-a em deusa e dando um lugar a ela como uma estrela na constelação do Cisne. Esta lenda é contada por diferentes autores/as, o recorte acima foi realizado tendo em vista as interpretações de Almeida, (2009) e Brandão, (1990).

Como explicita Almeida (2009, p. 93), “a pintura faz com que o espectador contemple a obra como quem olha de fora. O valor do pictórico é ainda hoje importante; pessoas se encantam com as pinturas porque atingem seus sentidos”, o que pode ser observado pelos comentários das obras. Entretanto, a temática da sexualidade e gênero causa um encantamento/estranhamento ainda maior, pois como retrata Ribeiro (2009, p. 68), passam pelo “[...] sagrado, secreto, erótico, prazer, desejo, curiosidade [...]”, e deste modo podem revirar e remexer os conceitos que passam pela complexidade da sexualidade humana e das relações de gênero.

### *As confusões conceituais*

O contexto do processo de formação do curso: O Lúdico na Educação Infantil buscou a desconstrução dos discursos que dicotomizam as relações de gênero na prática do brincar, principalmente por se tratar da formação de profissionais que irão atuar na brinquedoteca, um



espaço onde “o objetivo é valorizar a ação da criança que brinca”, como explicita Cunha (1997, p. 13). A prática do brincar bem como o brinquedo, são construídos no interior das culturas, e muitas vezes abordam uma realidade selecionada, imitam situações reais ou passam por um mundo imaginário, deste modo podem contribuir para reproduzir valores, costumes e crenças. Para Brougère (2006, p.42) “certos universos de objetos e de seres são desse modo privilegiados como o universo doméstico (em particular para brinquedos destinados a meninas), o universo do automóvel, do transporte (para os meninos) [...]” e assim pode ocorrer a naturalização de procedimentos como: de que serviços domésticos são para mulheres, ou que mulheres dirigem mal.

Assim, as leituras para problematização no decorrer do curso: O Lúdico na Educação Infantil, articulados a visita nas Tendas e aos grupos de discussão pretenderam ampliar os olhares sobre a dimensão dos aspectos lúdicos das brincadeiras tendo em vista a temática do gênero e da sexualidade.

Para problematização neste trabalho, foi aplicado um instrumento de pesquisa na primeira etapa presencial do curso, cuja análise nos permitiu conhecer melhor o grupo que participou da pesquisa. Este é constituído por pessoas do sexo feminino com idade entre 20 e 55 anos, no qual 52% se declararam, com relação à etnia, como branca, 35,5% se declararam pardas e 12,5% se declararam negras. Com relação à escolaridade; 55,4% estão cursando o ensino superior, 25% já concluiu o ensino superior, 10,7 % concluiu algum curso de pós-graduação e o restante não declarou a escolaridade. Tendo em vista este cenário, dentre as questões propostas no instrumento de pesquisa, será realizado um recorte nas respostas a seguinte questão: Para você existe alguma diferença entre gênero e sexo?

Como resposta, 80,36% das participantes da pesquisa disse que sim, que existe diferença entre sexo e gênero. Algumas destas respostas estão transcritas a seguir:

*“Gênero é uma classificação ou separação entre masculino e feminino e sexo envolve homem, mulher, prazer, relacionamento, comportamento.”; “Gênero é masculino e feminino. Sexo é muito mais amplo (desejo, amor, sentimento, etc.)”; “Gênero diz respeito ao que as culturas nos transmitem é o masculino e o feminino e sexo é o processo em formação.”; “Gênero é designação – Masc. e Fem. Sexo – é como vc/ se vê.”; “Sexo é o ato em si e gênero é a opção sexual e sua separação.”; “Gênero (identidade) sexo (ato)”;* *“O gênero é opção sexual que é como me vejo e sexo é masculino e feminino.”; “Sexo é nascido, gênero é a opção.”; “Feminino/masculino – gênero / Sexo: homem/mulher.”; “Gênero é masculino e feminino sexo é a opção de cada um.”*

A seguir estão algumas transcrições de respostas dentre as pessoas que não encontravam distinção entre sexo e gênero:

*“Acho que gênero e sexo caminham juntos e estão cada vez mais justificando um a existência do outro como por exemplo tratar com formalidade e respeito as relações de mulher com mulher, homem com homem e mulher com homem não havendo diferenças e se atendo apenas ao*



*amor e de viver a vida cada dia melhor.”; “Tudo depende da caracterização.”; “Tudo está intimamente ligado.”*

Percebe-se, em algumas respostas a confusão conceitual entre orientação sexual, sexo e gênero. A distinção conceitual entre sexo e gênero é ampla e complexa passando por um emaranhado de questionamentos que, de acordo com Butler (2003), “sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuados e gêneros culturalmente construídos”, enquanto, Scott (1995, p.71) aborda o conceito de gênero sendo este o “elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, que fornece um meio de compreender as complexas conexões entre as várias formas de interação humana”.

Assim, algumas das percepções do grupo pesquisado com relação a sexo foi a caracterização deste como ato sexual, cópula, coito: *“Gênero é uma classificação ou separação entre masculino e feminino e sexo envolve homem, mulher, prazer, relacionamento, comportamento”*. E em outra reposta: *“Gênero é masculino e feminino. Sexo é muito mais amplo (desejo, amor, sentimento, etc.)”*.

Em outras afirmações relacionam sexo a aspectos unicamente biológicos: *“Sexo é nascido, gênero é a opção”*. Neste mesmo comentário percebe-se, que orientação sexual é vista como opção sexual e este significado é confundido com gênero. Enquanto no comentário a seguir a confusão é entre sexo e orientação sexual, que por sua vez é tida como opção: *“Gênero é masculino e feminino sexo é a opção de cada um.”*

As orientações sexuais homossexual, heterossexual, bissexual dentre outras, não são uma opção uma escolha nem são explicadas pela biologia, a escolha se encontra no revelar-se ou não. Trata-se de uma dimensão da sexualidade humana que perpassa pelo desejo, pelas relações de poder, pelo medo, pelo prazer e que pode ser compreendida sob o olhar da multiplicidade.

Neste contexto ao analisarmos a frase: *“Tudo está intimamente ligado”*, é possível perceber que o caráter definidor e imutável do sexo, é questionável, e que este pode ser interpretado como sendo tão culturalmente definido quanto o gênero.

“... o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual ‘a natureza sexuada’ ou ‘um sexo natural’ é produzido e estabelecido como pré-discursivo, anterior a cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura.”<sup>10</sup>

Em meio a tantos conceitos de e para sexo, gênero e sexualidade que são construídos em meio a jogos de saber/poder, cabe reafirmar que são os discursos que não apenas representam as

---

<sup>10</sup> BUTLER, Judith P. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.



realidades mas, as constroem a medida que tais conceitos são tidos como expressão do real ou natural, cabe a nós continuar questionando!

### *Considerações finais*

Os conceitos de gênero, sexo, sexualidade não são estanques, ao contrário estão em constante transformação de acordo com a sociedade e com o momento histórico pelo qual ela passa. Assim, este final nos dá indícios das possibilidades e das potencialidades das experiências no trabalho com a temática do gênero e da sexualidade.

Perspectiva que se relaciona com a proposta de revolver, revirar, remexer, vasculhar, esquadrihar, analisar com cuidado, indispor, rebelar e revoltar os conceitos e as ações que eles reproduzem. As últimas expressões para o sentido adotado neste trabalho com relação a palavra revolver, a saber: rebelião e revolta, são vistos aqui como a possibilidade de mudança em “pequenas doses diárias” no cotidiano concreto, como retoma Neto (2005, p. 25) abordando Foucault, se trata de levar ao estranhamento o que é considerado natural/natural, e experimentar a liberdade “alcançável nas pequenas revoltas diárias, quando podemos pensar e criticar o nosso mundo”.(VEIGA-NETO, 2005 p.26),

Assim, educação, arte, o lúdico, o brinqueado, as brincadeiras, a formação de educadoras/es, os corpos, o gênero, a sexualidade, a orientação sexual bem como inúmeras outras temáticas não apenas se inter-relacionam, ou seja, existem cada uma em uma perspectiva isolada e depois se encontram, mas existem em uma organização própria do múltiplo, Deleuze e Guatarri (2004) explicitam, esta organização, através da metáfora do rizoma.

O conceito de rizoma operado por Deleuze e Guatarri, considera o caule em suas interações com a terra, a água, o ar, enfim como “[...]um conjunto de elementos vagos, nômades, de maltas e não de classes[...]”(BORGES; CABRAL, 2008, p. 3). Deste modo a organização rizomática não descreve uma perspectiva binária, mas tem como tecido a conjunção e...e...e. Conceito que se articula com uma perspectiva de trabalho para além dos sistemas verticais de organização, nos quais existe um detentor universal do saber/poder, mas exige metodologias que envolvem inúmeros sujeitos sociais, conceitos e processos históricos. Transitar por este emaranhado de conceitos nos possibilita entretecer ações e vivenciar novas experiências na área da sexualidade e gênero como as Tendências Temáticas e tantas outras. Quantas possibilidades!!!



### Referências Bibliográficas

"revolver", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha]. Disponível em: <http://www.priberam.pt/dlpo/dlpo.aspx?pal=revolver>. Acesso em: 25 de outubro de 2009.

ALMEIDA, Sara Gonçalves de. *O Universo Feminino de Milton da Costa – Análise Compositiva*. Revista Educação, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 93 – 97, 2009.

BARRETO, Flavia de Oliveira; SILVESTRI, Mônica Ledo. Relações dialógicas interculturais: brinquedos e gênero. In: RIBEIRO, Cláudia Maria; SOUZA, Ila Maria Silva. (Org.). *Educação Inclusiva: tecendo gênero e diversidade sexual nas redes de proteção*. Lavras - MG: Editora UFLA, 2008, p. 59-71.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega*. Petrópolis: Vozes, 1990.

BROUGÈRE, Gilles. *Brinquedo e Cultura*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

CABRAL, Cléber; BORGES, Diogo. *Rizoma: uma introdução aos Mil Platôs de Deleuze e Guattari*. Disponível em: <<http://www.revista.criterio.nom.br/artigo-rizoma-mil-platos-deleuze-guattari-diogo-borges-cleber-cabral.htm>>. Acesso em: 22 de março de 2008.

CUNHA, Nylse Helena da Silva. *Brinquedoteca Brasileira*. In: SANTOS, Santa Marli Pires dos. (Org.). *Brinquedoteca: O lúdico em diferentes contextos*. Petrópolis – RJ: Vozes, 1997, p. 13-22.

DÍAS, Margarita; CABRAL, Francisco; SANTOS, Leandro. Os Direitos Sexuais e Reprodutivos. In: RIBEIRO, Cláudia; CAMPUS, Maria Tereza de A.(Org.). *Afinal que Paz Queremos*. Lavras - MG: Editora UFLA, 2004, p. 45-70.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 10 ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 1993.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. Edições Loyola, São Paulo, 1996.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GALLO, Silvio. Transversalidade e Educação Pensando uma Educação não Disciplinar. In: ALVES, N.; GARCIA, R. L. (Org.). *O Sentido da Escola*. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, p. 17-41.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na pós modernidade*. 6 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LARROSA, Jorge. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, n° 19, p. 20-28, jan/fev/mar/abr, 2002.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, Sexualidade e Educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas*. Disponível em: <<http://www.ded.ufla.br/gt23/trabalhos.html>>. Acesso em: 20 de junho de 2009.

VEIGA-NETO, A. *Foucault & a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

RIBEIRO, Cláudia. Nas tendas da sexualidade e gênero: heterotopias no currículo. In: *Corpo, gênero e sexualidade: composições e desafios para a formação docente*. RIBEIRO, Paula Regina



Costa; SILVA, Méri Rosane Santos da; GOELLNER, Silvana Vilodre. Rio Grande: FURG, 2009, p. 67-76.

SCOTT, Joan W. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Educação e Realidade. Porto Alegre, v. 2, n. 20, p.71-99, jul-dez, 1995.

SILVA, Tomás Tadeu da. *Teoria Cultural e Educação: um vocabulário crítico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.